
O DISCURSO FANTÁSTICO VILLIERIANO: “L’INTERSIGNE”

NORMA DOMINGOS*

RESUMO

A proposta deste trabalho é apresentar uma análise do discurso fantástico de “L’Intersigne” de Villiers de l’Isle-Adam. Villiers é considerado, por muitos teóricos, o precursor do movimento simbolista na França e um dos maiores autores do gênero fantástico da segunda metade do século XIX. O autor emprega um discurso concentrado no qual cada palavra é cuidadosamente escolhida com o intuito de apresentar seus anseios existenciais e sua busca por uma produção literária criativa.

PALAVRAS-CHAVE: Villiers de l’Isle-Adam, simbolismo, “L’Intersigne”, narrativa fantástica, idealismo.

Com objetivo de aprofundar o conhecimento acerca dos procedimentos literários dos quais Villiers de l’Isle-Adam (1838-1889) faz uso, a proposta deste artigo é apresentar uma análise do discurso fantástico do autor a partir do conto “L’Intersigne” (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 694-709) publicado, em 1883, em sua obra *Contes cruels*.

Villiers de l’Isle-Adam é considerado um dos maiores autores do gênero fantástico da segunda metade do século XIX. A partir de 1850, mesmo com o predomínio do realismo e do naturalismo no domínio romanesco, autores como Villiers, Barbey d’Aurevilly, Huysmans, Charles Cros recusam essa visão de mundo cartesiana e mecanicista e, influenciados por Baudelaire, seguem os rastros deixados por Charles Nodier e

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp)/Campus de Araraquara. Bolsista da Fapesp.
E-mail: domingos.norma@uol.com.br

Gerard de Nerval. Muitos são católicos, alimentam um ódio vivo contra a modernidade e estão em busca da espiritualidade que foi massacrada pelo materialismo cego do século; essa espiritualidade, eles buscam-na, além do real, no misticismo e no sobrenatural.

Villiers publica, em 1867, na *Revue des Lettres et des Arts*, “Claire Lenoir” e “L’Intersigne” e, em 1874, em *La Semaine Parisienne*, “Véra” (CASTEX, 1962). Essas histórias transmitem sua contrariedade em relação à base materialista na qual se apóia a sociedade burguesa, representam uma reação contrária ao positivismo e expressam sua desesperança com relação aos avanços da ciência. São histórias, segundo Citron (1980, p. 17), intemporais que poderiam se situar em qualquer época, visto que são irreais “e não há uma entre elas que possa se desenrolar com verossimilhança no mundo que conhecemos. O que é natural nos contos fantásticos ‘Véra’, ‘L’Intersigne’ ou ‘L’Annonciateur’”.

“L’Intersigne” foi publicado primeiramente em *La Revue des Lettres et des Arts* de dezembro de 1867 e novamente em 5 e 12 de janeiro de 1868. Ao ser publicado na revista, o conto tinha como subtítulo “histoires moroses” e estava reunido com “Claire Lenoir”, o qual foi, posteriormente, recolhido em *Tribulat Bonhomet*. Quando *Contes cruels* foram publicados em 1883, uma nova versão do conto aparece nessa edição definitiva. Para isso, Villiers submeteu o texto a uma revisão importante e operou nele inúmeras mudanças. Da mesma maneira que no texto simbolista em geral, cujo objetivo principal é a sugestão, as alterações efetuadas entre a primeira versão publicada em 1867-1868 e a definitiva de *Contes cruels*, em 1883, contribuem para a elaboração das nuances do texto fantástico.

Segundo Voisin-Fougère (1996), a versão definitiva acentua o mistério e torna o texto mais característico do fantástico: ao suprimir dois acontecimentos sobrenaturais, a história apresenta uma maior impressão de realidade, o que contribui para a ambigüidade, que é característica do gênero. Villiers também alterou algumas características das personagens, para que a neurose do narrador-protagonista se atenuasse:

1ª versão:

En ce moment, minuit sonna. Mais l'église était contre le presbytère, de sorte que *je tressaillais à chaque coup*. Ce bourdon assourdissant semblait sonner dans ma chambre même, et cela remplissait mon âme!¹ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM apud VOISIN-FOUGÈRE, 1996, p. 150. Grifo nosso)

2ª versão:

En ce moment, l'heure sonna, dehors, à l'église, dans le vent nocturne.² (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM apud VOISIN-FOUGÈRE, 1996, p. 150)

Ou ainda, em alguns trechos, ele apresentava momentos de alegria que prejudicavam a escritura fantástica no seu conjunto e que foram suprimidos, como podemos observar ao comparar as duas versões:

1ª versão:

Je descendis, et, me trouvant *d'une gaieté inaccoutumée, je chantonnais*, dans l'escalier l'air de la Joconde.³ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM apud VOISIN-FOUGÈRE, 1996, p. 150. Grifo nosso)

2ª versão:

Je descendis.⁴ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM apud VOISIN-FOUGÈRE, 1996, p. 151)

Com relação à morte do abade Maucombe, Villiers a tornara previsível na primeira versão: “Ce prêtre était un homme de cinquante-cinq ans, à peu près...”⁵ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM apud VOISIN-FOUGÈRE, 1996, p. 151). Ao contrário, na segunda, a personagem é mais jovem: “Ce prêtre était un homme de quarante-cinq ans, à peu près...”⁶ (VOISIN-FOUGÈRE, 1996, p. 151). No texto simbolista, a sugestão é valorizada; assim, na versão definitiva, a morte é anunciada apenas de forma indireta, e o padre não é apresentado como doente, o que torna o aparecimento da imagem fantasmagórica do abade um forte elemento sobrenatural:

1ª versão:

Était-ce un agonisant qui se tenait debout contre mon lit?... J'ai parlé de la santé vigoureuse dont l'abbé Maucombe m'avait semblé jouir

– Ah! je comprenais, maintenant, ses dehors et sa jovialité “convulsifs!...” Les yeux, ai-je dit, brillaient d’intelligence. *Mais la fièvre y brûlait* aussi, comme les rouges éclats du couchant dans les carreaux affreux de ce presbytère! *Cette maigreur, que je prenais pour celle d’une sèche et robuste, – c’était la consommation, les creux, les ravages, symptômes de quelque profonde maladie.* Et je vis que *le vieux prêtre était malade* et qu’il se contraignait. Il ne s’aperçut de rien. Son regard inquiet parcourait la chambre. Il ne me voyait pas! Il ne pouvait pas me voir l’examiner attentivement. Puis, – il me souhaita une seconde fois la bonne nuit et se retira.⁷ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM apud VOISIN-FOUGÈRE, 1996, p. 151-152. Grifo nosso)

2^a versão:

Était-ce un agonisant qui se tenait debout, là, près de ce lit? [...] *La tête que je contemplais était grave, très pâle, d’une pâleur de mort, et les paupières étaient baissées.* Avait-il oublié ma présence? – Priait-il? Qu’avait-il donc à se tenir ainsi? – Sa personne s’était revêtue d’une solennité si soudaine que je fermai les yeux. Quand je les rouvris après une seconde, le bon abbé était toujours là, – mais je le reconnaissais maintenant! – À la bonne heure! Son sourire amical dissipait en moi toute inquiétude. L’impression n’avait pas duré le temps de dresser une question. Ç’avait été un saisissement, une sorte d’hallucination. Maucombe me souhaita, une seconde fois, la bonne nuit, et se retira.⁸ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM apud VOISIN-FOUGÈRE, 1996, p. 151-152. Grifo nosso)

Como podemos observar, Villiers também retirou a descrição objetiva da aparência física do padre. O aspecto previsível da morte é eliminado, o que ilustra a preocupação do autor, que, da mesma forma que os simbolistas, introduz os elementos fantásticos sutilmente, sempre com o objetivo de sugestão.

Villiers acrescenta-lhe uma auréola de santidade, o que justifica ainda mais o caráter sobrenatural do desfecho:

1^a versão:

Au moins, promettez-moi, qu’aussitôt la régularisation terminée..
– Moi?.., m’écriai-je; mais, mon cher abbé, je vous laisse mon fusil.⁹
(VILLIERS DE L’ISLE-ADAM apud VOISIN-FOUGÈRE, 1996, p. 153)

2ª versão:

Au moins, promettez-moi qu'aussitôt ceci terminé... *La grande affaire, c'est le salut j'espérais être pour quelque chose dans le vôtre* – et voici que vous vous échappez! Je pensais déjà que le bon Dieu vous avait envoyé...

– Mon cher abbé, m'écriai-je, je vous laisse mon fusil.¹⁰ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM apud VOISIN-FOUGÈRE, 1996, p. 153. Grifo nosso)

O manto do padre também não vem simplesmente da Palestina, mas havia tocado o túmulo do Cristo:

Il me tendit la lettre où la mort du saint prêtre nous était annoncée, en effet –, et où je lus ces simples lignes:

“Il était très heureux –, disait-il à ses dernières paroles –, d'être enveloppé à son dernier soupir et enseveli dans le manteau qu'il avait rapporté de son pèlerinage en Terre sainte, *et qui avait touché Le tombeau*”.¹¹ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 709. Grifo do autor)

Podemos observar que as adaptações efetuadas na versão definitiva mostram a preocupação de Villiers em trazer ao texto um equilíbrio entre o sobrenatural e a impressão de realidade. O discurso fantástico torna-se, então, o instrumento que permite a expressão de seu idealismo, embora, como bem destaca Grünwald (2001, p. 25), Villiers

também nos contos raramente recorre às tintas do fantástico, do modo como se consagrou esse gênero em seu tempo. Utiliza-o em fórmula peculiar, traçando o relato com detalhes inusitados ou insólitos que se mesclam à objetividade da narrativa, de forma a garantir a aceitação do amálgama por parte do leitor – elemento externo à ação, sem os mesmos álibis do narrador. A essas gotas do inusitado, acrescenta descrições de ambientes com clarões que passam e sombras que se adensam, dosando os efeitos pictóricos na narrativa que amplia, por vezes, em pura magia verbal.

De fato, o modo peculiar como os fatos são apresentados, a sobriedade e a moderação às quais Villiers consegue chegar permitem

colocar “L’Intersigne”, independentemente do período cronológico de sua publicação, entre as grandes obras fantásticas do século XIX, século da consolidação do gênero.

Como quase todos os contos de Villiers, tecidos com um grande jogo simbólico, “L’Intersigne” está afastado da extrema racionalidade da época e apresenta, “em uma experiência vivida, uma presença do outro lado” (REBOUL, 1983, p. 402), que os intersignos, já anunciados no título, permitem atestar. Com efeito, a palavra “intersigno” é definida comumente pelos dicionários como uma ligação misteriosa que parece unir dois fatos que se produzem no mesmo momento e, freqüentemente, com grandes distâncias espaciais, de modo que um pareça o sinal do outro. Citron (1980) diz que o título, aparentemente bastante misterioso, não é explicado no texto. A palavra, segundo o estudioso, cujo mais antigo exemplo provém de 1825, designa um fato como prognóstico de outro e aparece somente em 1877 no *Supplément* do *Dictionário Littré* que faz menção a “L’Intersigne” como uma novela de M. Vessière de l’Isle-Adam, um lapso que acusa a pouca notoriedade de Villiers na época.

Para Reboul (1983), o conto “L’Intersigne”, a maneira de “Véra” e de “L’Inconnue”, opõe-se ao realismo de alguns outros e inscreve-se, de preferência, nas margens da realidade positivista de sua época, visto que os intersignos, fatos premonitórios da morte do abade Maucombe, poderiam comprovar que há na vida, no mundo real, o indefinível e o inexplicável. Com efeito, ao empregar a palavra “intersigne”, Villiers acrescenta à palavra “signe” a idéia de comunicação entre os dois mundos: o terrestre e o além.

Segundo Barão (1971), o escritor bretão Anatole Le Braz consagrou aos *intersignes* o primeiro capítulo de *La légende de la mort*, na qual os define como anunciadores de uma morte; o anúncio, contudo, é raramente feito àquele que esteja por ela ameaçado, mas sim a alguém próximo. A tradutora ressalta também que as histórias de intersignos aparecem nos *Contos bretões*, do padre François Cadic, e que dessa

forma o conto de Villiers “situa-se numa linha de lendas tipicamente bretãs, em geral difundidas por via oral” (BARÃO,1971, p. 147-148).

Como em quase todo texto fantástico, o ponto de partida é realista e logo no primeiro parágrafo encontra-se o índice de que algo fora das leis naturais se produzirá. A dicotomia real-sobrenatural já se vislumbra, pois “la conversation tomba sur un sujet des plus sombres: il était question de la *nature* de ces coïncidences extraordinaires, stupéfiantes, mystérieuses, qui surviennent dans l’existence de quelques personnes”¹² (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 694. Grifo do autor).

A narrativa fantástica é o resultado de uma escritura específica e “o motivo não se cava, se desenvolve” (VAX, 1965, p.76): dessa forma, os intersignos tornam-se um motivo fantástico no texto, na medida em que aparecem como sombras do que se produzirá mais adiante. O conto descreve uma série de pressentimentos experimentados pelo barão Xavier de La V*** e que seriam anunciadores da morte do abade Maucombe. Dois acontecimentos antecedem o ápice da narrativa, que consiste no aparecimento noturno do abade, e a conjunção desses índices, cuja intensidade aumenta no decorrer da narrativa, será determinante para a confirmação desses intersignos. O primeiro sinal antecipador dessa morte é a visão deturpada que o barão Xavier de La V*** tem da casa do abade Maucombe:

Était-ce bien la maison que j’avais vue tout à l’heure? Quelle ancienneté me dénonçait, *maintenant*,¹³ les longues lézardes, entre les feuilles pâles? – Cette bâtisse avait un air étranger; les carreaux illuminés par les rayons d’agonie du soir brûlaient d’une lueur intense; le portail hospitalier m’invitait avec ses trois marches; mais, en concentrant mon attention sur *ces dalles grises*, je vis qu’elles venaient d’être polies, que des traces de lettres creusées y restaient encore, et je vis bien qu’elles provenaient du cimetière voisin –, dont *les croix noires m’apparaisaient*, à présent, de côté, à une centaine de pas. Et la maison me sembla changée à donner le frisson, et *les échos du lugubre coup du marteau*, que je laissai retomber, dans mon saisissement, retentirent, dans l’intérieur de cette demeure,

*comme les vibrations d'un glas.*¹⁴ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 698. Grifo nosso)

Como vemos, elementos como “as pedras do cemitério”, “as cruzes negras” e as “vibrações do sino”, que comumente anunciam um funeral, são já os primeiros índices que podem ser associados à premonição da morte. Temos ainda a dúvida exigida pelo gênero fantástico, que, no plano do enunciado, se confirma pelo uso do modalizador *comme*. Podemos observar também que o estilo e o tom mostram a influência de Edgar Allan Poe, e que o sentimento de medo demonstrado pelo narrador-personagem diante da casa do padre pode ser comparado àquele sentido pelo narrador-personagem de Poe no início do conto “A queda do solar de Usher”.

O segundo fato sobrenatural revela-se na visão que a personagem tem do próprio rosto do abade:

Nous y entrâmes; il regarda s'il ne me manquait rien et comme, rapprochés, nous nous donnions la main et le bonsoir, un vivace reflet de ma bougie tomba sur son visage. – Je tressaillis, cette fois! *Était-ce un agonisant qui se tenait debout*, là, près de ce lit? La figure qui était devant moi n'était pas, ne pouvait pas être celle du souper! Ou, du moins, si je la reconnaissais vaguement, il me semblait que je ne l'avais vue, en réalité, qu'en ce moment-ci. Une seule réflexion me fera comprendre: *l'abbé me donnait, humainement, la seconde*¹⁵ *sensation que, par une obscure correspondance, sa maison m'avait fait éprouver.*¹⁶ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 700. Grifo nosso)

Os acontecimentos sobrenaturais, ora definidos como alucinações, ora como sonhos, parecem ser acontecimentos premonitórios, isto é, intersignos, que instauram um clima de angústia, intensificado pelos vários elementos de terror presentes, e cujo ápice será o episódio noturno:

Il y avait quelqu'un derrière la porte: on avait réellement frappé.
[...]

“Qui est là?” demandai-je, à voix basse.

La lueur s'éteignit: – j'allais m'approcher...

Mais la porte s'ouvrit, largement, lentement, silencieusement.

En face de moi, dans le corridor, se tenait, debout, une forme haute et noire, – un prêtre, le tricorne sur la tête. La lune l'éclairait tout entier à l'exception de la figure: je ne voyais que le feu de ses deux prunelles qui me considéraient avec une solennelle fixité.

Le souffle de l'autre monde enveloppait ce visiteur, son attitude m'oppressait l'âme. Paralysé par une frayeur qui s'enfla instantanément jusqu'au paroxysme, je contemplai le désolant personnage, en silence.

Tout à coup, le prêtre éleva le bras, avec lenteur, vers moi. Il me présentait une chose lourde et vague. C'était un manteau. Un grand manteau noir, un manteau de voyage. Il me le tendait, comme pour me l'offrir!...

Je fermai les yeux, pour ne pas voir cela. Oh! je ne voulais pas voir cela! Mais *un oiseau de nuit, avec un cri affreux*, passa entre nous, et le vent de ses ailes, m'effleurant les paupières, me les fit rouvrir. Je sentis qu'il voletait par la chambre.

Alors –, et avec un râle d'angoisse, car les forces me trahissaient pour crier –, je repoussai la porte de mes deux mains crispées et étendues et je donnai un violent tour de clef, frénétique et les cheveux dressés!

Chose singulière, il me sembla que tout cela ne faisait aucun bruit.¹⁷

(VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 702-703. Grifo nosso)

Em sua forma tradicional, o discurso fantástico mistura o real e o sobrenatural, segue um esquema claramente estabelecido e utiliza personagens e um espaço definidos. Um acontecimento sobrenatural é um fato que não pode ser explicado pelas leis conhecidas e irrompe no real. Ele pode ser sugerido ou mostrado. O ponto de partida é realista, e a veracidade do fato é frequentemente atestada, como podemos observar, no trecho que segue: “Voici une histoire, nous dit-il, que je n'accompagnerai d'aucun commentaire. Elle est véridique. Peut-être la trouverez-vous impressionnante”¹⁸ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 694).

Segundo Todorov (1975), no texto fantástico, após a atestação de que se trata do mundo real, elementos sobrenaturais intervêm e a narrativa se conclui, ora dando uma explicação realista – fantástico estranho –, ora oferecendo uma explicação sobrenatural – fantástico maravilhoso –, ou ainda deixando o leitor diante da hesitação entre duas explicações. A morte do abade no final do conto parece confirmar a existência dessas intervenções do inexplicável no real, mas, para um leitor incrédulo, pode apenas tratar-se de uma coincidência. Conseqüentemente, a dúvida permanece e cada leitura oferecerá uma interpretação:

J’arrivai directement chez moi, sur les neuf heures. Je montai. Je trouvai mon père dans le salon. Il était assis, auprès d’un guéridon, éclairé par une lampe. Il tenait une lettre ouverte à la main.
Après quelques paroles:
Tu ne sais pas, j’en suis sûr, quelle nouvelle m’apprend cette lettre! me dit-il: notre bon vieil abbé Maucombe est mort depuis ton départ.¹⁹
(VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 709)

Com efeito, o leitor é mantido na hesitação requerida pelo fantástico; o narrador-personagem, a cada fato estranho ocorrido, se questiona se não se trata de alucinação: “Mais, à peine eus-je de nouveau jeté sur elle un regard distrait, que je fus forcé de m’arrêter encore, me demandant, cette fois, *si je n’étais pas le jouet d’une hallucination*”²⁰ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 698. Grifo nosso).

Paes (1985) nos lembra que um recurso tradicional da narrativa fantástica, característico do fantástico clássico, tradicional, é a estratégia que instiga a dúvida ou a hesitação do leitor inquirindo sempre se não teria sido um sonho. Vemos, frequentemente, o emprego dessa estratégia por Villiers:

C’était plus que l’organisme n’en pouvait supporter. Je m’éveillai. J’étais assis sur mon séant, dans mon lit, les bras tendus devant moi; j’étais glacé; le front trempé de sueur; mon cœur frappait contre les parois de ma poitrine de gros coups sombres.

Ah! me dis-je, *le songe horrible!*²¹ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 703. Grifo nosso)

A questão do ponto de vista em “L’Intersigne” dá mostras de uma estratégia de escritura extremamente elaborada. A fórmula de narrativa empregada é a da inserção, ou seja, uma outra narrativa é construída dentro da primeira narrativa. Esse tipo de narrativa delega à segunda narrativa o ato de contar, e pode ser denominada, segundo Tritter (2001), *récit-cadre*. Essa “narrativa-moldura” é aquela que “traz uma caução de autenticidade à narrativa em questão” (MOUGIN, 1994, p. 104), e, por outro lado, a narrativa inserida “repercute na narrativa-moldura por meio de um tipo de contaminação do estranho” (MOUGIN, 1994, p. 104). Assim, em “L’Intersigne”, um narrador anônimo evoca um momento passado no decorrer do qual foi contado, não apenas a ele, mas com a atestação de uma platéia, uma história surpreendente: “Un soir d’hiver qu’entre gens de pensée nous prenions le thé, autour d’un bon feu, chez l’un de nos amis, le baron Xavier de La V*** [...]”²² (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 694).

O barão torna-se, então, narrador secundário, ou segundo narrador da narrativa, e atesta também a autenticidade da história que participará à platéia: “Voici une histoire, nous dit-il, que je n’accompagnerai d’aucun commentaire. Elle est véridique. Peut-être la trouverez-vous impressionnante”²³ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 694). Esse narrador-protagonista da segunda narrativa é apresentado pelo primeiro narrador que confirma a sua autenticidade e imparcialidade, mas, por outro lado, ao caracterizá-lo, coloca em jogo a veracidade da história, visto que o barão é “un pâle jeune homme que d’assez longues fatigues militaires, subies, très jeune encore, en Afrique, avait rendu d’une débilité de tempérament et d’une sauvagerie de mœurs peu communes”²⁴ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 694). Assim, a primeira caução da veracidade dos fatos é dada pelo narrador da narrativa primeira. Mas, como pudemos observar, se, por um lado, ele apresenta os fatos

com objetividade, reveste, por sua vez, sua fala de subjetividade ao caracterizar o narrador-protagonista, do qual ele será narratário.

É importante ressaltar também que a segunda narrativa nos é contada por esse próprio narrador homodiegético. Não se pode esquecer que ele conta o que ouviu. Assim, tudo é mediado por ele: “Nous allumâmes des cigarettes et nous écoutâmes le récit suivant [...]”²⁵ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 694). O primeiro parágrafo do conto parece apresentar todas as garantias de um narrador acima de qualquer suspeita, mas pode-se duvidar. O primeiro narrador evoca um primeiro momento de lucidez, pois o que se ouviu ocorreu “entre gens de pensée”; no entanto, em seguida, lança suspeitas sobre os fatos, visto que o assunto versava sobre um tema “des plus sombres” (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 694) e, como vimos, o barão apresenta também características emocionais duvidosas.

De fato, a dúvida se instala nesse ponto de partida realista que demanda o fantástico, e o próprio narrador secundário – autodiegético – apresenta-se como um homem angustiado, “un personnage taciturne et morose” e “sous une apparence nerveuse” que já assimilara “en vain”, “sous toutes formules, des quinquinaux de fer” para curar-se de seu “spleen héréditaire”²⁶ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 695).

Em busca de alívio para sua melancolia, o protagonista afastar-se-á do espaço urbano. Almeja então o refúgio e o isolamento e decide, “par essai, de [s]’éloigner de Paris, d’aller prendre un peu de nature au loin, de [se] livrer à vifs exercices, à quelques salubres parties de chasse par exemple, pour tenter de diversifier”²⁷ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 695).

Alguns lugares, tais como uma paisagem lúgubre, sítios isolados, o campo, são mais propícios às manifestações sobrenaturais. Esse afastamento espacial do narrador-protagonista é propício à narrativa fantástica, à irrupção do sobrenatural:

J’étais dans cet état de lassitude, où les nerfs sensibilisés vibrent aux moindres excitations. Une feuille tomba près de moi; son

bruissement furtif me fit tressaillir. Et le magique horizon de cette contrée entra dans mes yeux! Je m’assis devant la porte, solitaire.²⁸ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 697. Grifo nosso)

O espaço social campestre no qual o sobrenatural vai agir é quase desértico, mas traços de civilização são marcados:

En interrogeant sur sa demeure les vieilles gens qui passaient les bestiaux, le long des fossés, je dus me convaincre que le curé – en parfait confesseur d’un Dieu de miséricorde –, s’était profondément acquis l’affection de ses ouailles et, lorsqu’on m’eut bien indiqué le chemin du presbytère assez éloigné du pâté de masures et de chaumines qui constitue le village de Saint-Maur, je me dirigeai de ce côté.²⁹ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 696. Grifo nosso)

De fato, o barão Xavier sofre porque está ligado apenas às questões do mundo material e busca refúgio na natureza, no espiritual. Sufocado pelos “horribles soucis de la capitale”³⁰ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 695), assemelha-se a um morto-vivo, correndo contra o tempo que conduz à morte:

Ce soir-là donc, une fois dans ma chambre, en allumant une cigare aux bougies de la glace, je m’aperçus que j’étais mortellement pâle! et je m’ensevelis dans un ample fauteuil, vieux meuble en velours grenat capitonné où le vol des heures, sur mes longues songeries, me semble moins lourd. L’accès de spleen devenait pénible jusqu’au malaise, jusqu’à l’accablement!³¹ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 695. Grifo nosso)

Michaud (1966) revela o verdadeiro sentido do *spleen* baudelairiano, que sem dúvida é o mesmo sofrido pelo protagonista de “L’Intersigne”, ou seja, não são apenas aspirações e desejos não satisfeitos como sentiam os românticos, mas um sentimento muito mais violento, “uma verdadeira neurose, asfixia do corpo e da alma” (MICHAUD, 1966, p. 52).

O *spleen* só pode ser atenuado em contato com a natureza, nas correspondências que se podem estabelecer: é aí que se vislumbra o mundo espiritual, o da salvação, o do ideal, e que Villiers ilustra em uma das mais belas passagens do conto:

L'aspect champêtre de cette maison, les croisées et leurs jalousies vertes, les trois marches de grès, les lierres, les clématites et les roses-thé qui s'enchevêtraient sur les murs jusqu'au toit, d'où s'échappait, d'un tuyau à girouette, un petit nuage de fumée, m'inspirèrent des idées de recueillement, de santé et de paix profonde. Les arbres d'un verger voisin montraient, à travers un treillis d'enclos, leurs feuilles rouillées par l'énervante saison. Les deux fenêtres de l'unique étage brillaient des feux de l'occident; une niche où se tenait l'image d'un bienheureux était creusée entre elles. Je mis pied à terre, silencieusement: j'attachai le cheval au volet et je levai le marteau de la porte, en jetant un coup d'oeil de voyageur à l'horizon, derrière moi. Mais l'horizon brillait tellement sur les forêts de chênes lointains et de pins sauvages où les derniers oiseaux s'envolaient dans le soir, les eaux d'un étang couvert de roseaux, dans éloignement, réfléchissaient si solennellement le ciel, la nature était si belle, au milieu de ces airs calmés, dans cette campagne déserte, à ce moment où tombe le silence, que je restai – sans quitter le marteau suspendu, – que je restai muet.

Ô toi, pensai-je, qui n'as point l'asile de tes rêves, et pour qui la terre de Chanaan, avec ses palmiers et ses eaux vives, n'apparaît pas, au milieu des aurores, après avoir tant marché sous de dures étoiles, voyageur si joyeux au départ et maintenant assombri, - cœur fait pour d'autres exils que ceux dont tu partages l'amertume avec des frères mauvais –, regarde! Ici l'on peut s'asseoir sur la pierre de la mélancolie! – Ici les rêves morts ressuscitent, devant les moments de tombe! Si tu veux avoir le véritable désir de mourir, approche: ici la vue du ciel exalte jusqu'à l'oubli.³² (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 697)

A evasão que o barão busca é muito semelhante àquela que Baudelaire conheceu, por meio, sobretudo, da obra de Poe. Trata-se de uma evasão para o sonho que

[...] assegura, primeiramente, a evasão no mundo feérico no qual tudo é fácil e favorável, posto que gratuito, e porque o poeta é o próprio “arquiteto dessas magias”. Mas o sonho é também meio de conhecimento, modo de percepção do real, ou talvez, de uma surrealidade “da qual nosso universo não é senão simplificação e, por assim dizer, a caricatura”. (MICHAUD, 1966, p. 57)

Assim, os intersignos ou visões que encontramos no conto são “sonhos” – imagens fúnebres que entrecortam a percepção do real – dos quais o narrador-protagonista sempre questiona a veracidade, atribuindo-lhes o caráter de sonhos, como no trecho que segue:

L’abbé Maucombe était dans la salle à manger: assis devant la nappe déjà mise, il lisait un journal en m’attendant.
Nous nous serrâmes la main.
Avez-vous passé une bonne nuit, mon cher Xavier? me demanda-t-il.
Excellente! répondis-je distraitemment (par habitude et sans accorder attention le moins du monde à ce que je disais).
La vérité est que je me sentais bon appétit: voilà tout.
Nanon intervint, nous apportant le déjeuner.
Pendant le repas, notre causerie fut à la fois recueillie et joyeuse: l’homme qui vit saintement connaît, seul, la joie et sait la communiquer.
Tout à coup, je me rappelai mon rêve.
*À propos, m’écriai-je, mon cher abbé, il me souvient que j’ai eu cette nuit un singulier rêve, et d’une étrangeté... comment puis-je exprimer cela? Voyons... saisissante? étonnante? effrayante? – À votre choix! – Jugez-en.*³³ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 704. Grifo nosso)

Ou ainda:

*Ces sortes de vues,*³⁴ *étant plutôt morales que physiques, s’effacent avec rapidité. Oui, j’étais, à n’en pas douter une seconde, la victime de cet abattement intellectuel que j’ai signalé. Très empressé de voir un visage qui m’aidât, par son humanité, à en dissiper le souvenir, je poussai le loquet sans attendre davantage. – J’entrai.*³⁵ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM 1986, t. I, p. 698. Grifo nosso)

Com efeito, a melancolia sentida pelo protagonista de “L’Intersigne” ilustra bem o sentimento de Villiers, que vê os homens de seu século perderem-se na ilusão da matéria e das ciências – que tudo explicariam –, esquecendo-se da importância do cultivo do lado espiritual. Assim, vemos seu idealismo expresso na voz do abade Maucombe:

Les pieds sur les chenets, et accoudés en nos deux fauteuils de cuir bruni, nous parlâmes naturellement de Dieu.
J’étais fatigué: j’écoutais, sans répondre.
Pour conclure, me dit Maucombe en se levant, nous sommes ici pour témoigner,- par nos œuvres, nos pensées, nos paroles et notre lutte contre la Nature,- pour témoigner *si nous pesons le poids*.³⁶
Et il termina par une citation de Joseph de Maistre: “Entre l’Homme et Dieu, il n’y a que l’Orgueil.”
– *Ce nonobstant, lui dis-je, nous avons l’honneur d’exister (nous, les enfants gâtés de cette Nature) dans un siècle de lumières?*
– *Préférons-lui la Lumière des siècles,*” répondit-il en souriant.³⁷
(VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 700. Grifo nosso)

Em “L’Intersigne”, como em vários contos de Villiers, vemos que o tema abordado é antecipado na epígrafe. Ela corresponde a um texto em latim cuja autoria Villiers atribui a São Bernardo – *Méditations* – e que teria sido recolhido pelos bolandistas. Na abertura do conto, então, vemos seu idealismo e crítica expressos:

Considera, homem, o que você foi antes de nascer e o que você será até o seu fim. Seguramente, houve um tempo no qual você não existia. Depois, feito de vil matéria, nutrido do sangue menstrual no útero de sua mãe, sua vestimenta foi a placenta. Depois, enrolado em vis farrapos, você veio até nós, homens, assim revestido e ornado! E esqueceu o que foi sua origem. O homem não é nada senão esperma fétido, um saco de lixo, um alimento para os vermes. Sem Deus, ciência, sabedoria e razão passam como nuvens. Após o homem, o verme. Após o verme, a podridão e o horror. Assim, todo homem é transformado em alguma coisa que não é mais o homem. *Por que você enfeita e engorda essa carne que, em poucos dias, os vermes*

devorarão no seu sepulcro? Por que não orna sua alma, a qual deverá se apresentar nos céus a Deus e aos Anjos? (BARÃO, 1971, p. 404)

Sua crítica às preocupações sempre materialistas dos homens do seu tempo, em detrimento do cultivo da espiritualidade, é também confirmada nas conversas entre o padre e o barão:

– Mon cher abbé, m’écrai-je, je vous laisse mon fusil. Avant trois semaines je serai de retour et, cette fois, pour quelques semaines, si vous voulez.

– Allez donc en paix! dit l’abbé Maucombe.

– Eh! c’est qu’il s’agit de presque toute ma fortune! murmurai-je.

– La fortune, c’est Dieu! dit simplement Maucombe.³⁸

(VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 705)

Da mesma forma que na obra de Baudelaire, em Villiers, os dois grandes temas – *le spleen e l’idéal* – encontram uma solução na morte. A morte, na obra de Villiers, diferentemente do caráter empregado na literatura fantástica, está revestida de um caráter positivo, o da salvação, *du salut*:

Voilà, dis-je, une vive contrariété, mon hôte: à peine arrivé, je me vois obligé de repartir.

– Comment? demanda l’abbé Maucombe, reposant sa tasse sans boire.

– Il m’est écrit de revenir en toute hâte, au sujet d’une affaire, d’un procès d’une importance des plus graves. Je m’attendais à ce qu’il ne se plaidât qu’en décembre: or, on m’avise qu’il se juge dans la quinzaine et comme, seul, je suis à même de mettre en ordre les dernières pièces qui doivent nous donner gain de cause, il faut que j’aïlle!... Allons! quel ennui!

– Positivement, c’est fâcheux! dit l’abbé; – comme c’est donc fâcheux!... Au moins, promettez-moi qu’aussitôt ceci terminé... *La grande affaire, c’est le salut: j’espérais être pour quelque chose dans le vôtre – et voici que vous vous échappez! Je pensais déjà que le bon Dieu vous avait envoyé...*

[...]

– Et demain, comment vivrais-je, si...

– Demain, on ne vit plus”, répondit-il.³⁹ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 705. Grifo nosso)

A caminhada noturna que o abade Maucambe empreenderá e que o conduzirá à morte é vista como salutar, contudo pode-se vislumbrar, pelo uso do adjetivo *salutaire*, a salvação que a morte traria: “Je vous accompagnerai un peu, dit le prêtre: *cette promenade me sera salutaire*”⁴⁰ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 706. Grifo nosso).

Além dos intersignos, há, no plano da enunciação, vários índices da morte. Entre eles, podem ser destacados os pássaros noturnos que partem rumo ao presbítero logo após a volta do padre:

Et voici que, venue du fond de l’horizon, du fond de ces bois décriés, une volée d’orfraies, à grand bruit d’ailes, passa, en criant d’horribles syllabes inconnues, au-dessus de ma tête. Elles allèrent s’abattre sur le toit du presbytère et sur le clocher dans l’éloignement: et le vent m’apporta des cris tristes. Ma foi, j’eus peur. Pourquoi? Qui me le précisera jamais? J’ai vu le feu, j’ai touché de la mienne plusieurs épées; mes nerfs sont mieux trempés, peut-être, que ceux des plus flegmatiques et des blafards: j’affirme, toutefois, très humblement, que j’ai eu peur, ici – et pour de bon. J’en ai conçu, même, pour moi, quelque estime intellectuelle. N’a pas peur de ces choses-là qui veut.⁴¹ (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 707. Grifo nosso)

Além disso, os ruídos que causam medo no protagonista são índices do destino dos homens que nada podem e que rumam contra o tempo, sempre seguindo em direção à morte:

Je m’attendais à dormir vite et profondément, J’avais fondé de grandes espérances sur une bonne nuit. Mais, au bout de dix minutes, je dus reconnaître que cette gêne nerveuse ne se décidait pas à s’engourdir. J’entendais des tic-tac, des craquements brefs du bois et des murs. Sans doute des horloges-de-mort. Chacun des bruits

imperceptibles de la nuit se répondait, en tout mon être, par un coup électrique.⁴² (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 701. Grifo nosso)

Em busca de alívio, o narrador-protagonista almeja dormir, e o sono assemelha-se a um refúgio que ele encontraria apenas na morte:

Maucombe me souhaite, une seconde fois, la bonne nuit et se retire.
Une fois seul: "Un profond sommeil, voilà ce qu'il me faut", pensai-je.
*Incontinent je songeai à la Mort; j'élevai mon âme à Dieu et je me mis au lit.*⁴³ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 700-1. Grifo nosso)

Com frequência, o fantástico é definido com base em uma noção temporal: seria necessário um intervalo de tempo para a ocorrência dos acontecimentos sobrenaturais, algo que compromettesse o presente da personagem. Quando o protagonista decide que deve abandonar Paris para aliviar sua melancolia, um primeiro índice é sutilmente introduzido, pelo emprego do itálico que parece querer ressaltar a questão da instantaneidade, que nada tem de fortuita e que aparece como uma vontade de alguma força maior: "À peine cette pensée me fut-elle venue, *à l'instant même* où je me décidai pour cette ligne de conduite, le nom d'un vieil ami, oublié depuis des années, l'abbé Maucombe, me passa dans l'esprit"⁴⁴ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.I, p. 695. Grifo do autor).

Se, por um lado, essa noção temporal compromete o presente, da mesma maneira, ela se projetará no futuro dessa personagem. Todos os sinais ou intersignos se verificam no final, com a confirmação da premonição, ou seja, com a morte do abade Maucombe: "Tu ne sais pas, j'en suis sûr, quelle nouvelle m'apprend cette lettre! me dit-il: *notre bon vieil abbé Maucombe est mort depuis ton départ*" (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 709. Grifo nosso).

Um tempo apropriado para a narrativa fantástica é a meia-noite, pois é um tempo intermediário, um tempo cronológico e, ao mesmo tempo, mítico, visto que o tempo está suspenso. O acontecimento mais assustador dar-se-á à meia-noite sob o clarão da lua cheia:

Ma première impression, en même temps que celle du froid aux pieds, fut celle d'une vive lumière. La pleine lune brillait, en face de la fenêtre, au-dessus de l'église, et, à travers les rideaux blancs, découpait son angle de flamme déserte et pâle sur le parquet.

Il était bien minuit.

Mes idées étaient morbides. Qu'était-ce donc? L'ombre était extraordinaire.⁴⁵ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 702. Grifo nosso)

O abade Maucombe morre também por volta de meia-noite: “Oui, mort –, avant-hier, *vers minuit* –, trois jours après ton départ de son presbytère, – d'un froid gagné sur le grand chemin”⁴⁶ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 709. Grifo nosso).

Do mesmo modo que, entre os românticos, o acesso a uma realidade superior desejada só poderá ocorrer longe da luz, da lucidez, da razão. Então, logo no início do conto, Villiers coloca-nos perante a cena preferida dos textos românticos, num espaço cheio de mistério, apresentando o gosto pelo noturno, pelo sombrio, pelas estações mais sugestivas como o inverno ou o outono: “un soir d'hiver”, “en 1876, au solstice de l'automne”⁴⁷ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 694).

Mesmo cenário, à medida que o conto se desenvolve:

Et, si je voulais jouir, *avant les premiers froids, de la dernière quinzaine du féerique mois d'octobre* dans les rochers rougis, si je tenais à voir encore resplendir *les longs soirs d'automne* sur les hauteurs boisées, je devais me hâter!⁴⁸ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 696. Grifo nosso)

Outro aspecto a se observar é que o sombrio e a noite serão empregados também no texto de Villiers com uma intenção, não muito explícita, de mostrar que esse momento do dia também favorece as manifestações do além. Não nos espantaremos então em ver que a temática da sombra e da luz estrutura quase todo o conto, opondo sempre o mundo real e o imaginário. Assim, as visões do barão Xavier ocorrerão de preferência longe da luz:

Toutefois, mon insurmontable anxiété subsistait. Il me fallut plus d'une minute avant d'oser⁴⁹ remuer le bras pour chercher les allumettes: j'appréhendais de sentir, *dans l'obscurité*, une main froide saisir la mienne et la presser amicalement.⁵⁰ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 703. Grifo nosso)

As duas personagens, o barão Xavier e o abade Maucombe, são sombras, praticamente um prenúncio de morte, na escuridão da noite:

Trois minutes après, l'abbé et moi nous quittions le presbytère et nous nous avançons sur le grand chemin. Je tenais mon cheval par la bride, comme de raison.

Nous étions déjà deux ombres.

Cinq minutes après notre départ, une bruine pénétrante, une petite pluie, fine et très froide, portée par un affreux coup de vent, frappa nos mains et nos figures.⁵¹ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 706. Grifo do autor)

A visão do fantasma, que é inquietante, vai suprimir a distância que separa a vida da morte. Antes de se deitar, Xavier tem uma visão assustadora do padre que se assemelha já à de um cadáver: “La tête que je contemplai était grave, très pâle, d'une pâleur de mort, et les paupières étaient baissées”⁵² (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 700).

O quarto aparentemente foi também invadido por um fantasma: “Le souffle de l'autre monde enveloppait ce visiteur, son attitude m'oppressait l'âme. Paralysé par une frayeur qui s'enfla instantanément jusqu'au paroxysme, je contemplai le désolant personnage, en silence”⁵³ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 702).

Ou pode-se pensar que o quarto foi invadido pela própria morte que vem no vento frio da noite:

Je fermai les yeux, pour ne pas voir cela. Oh! Je ne voulais pas voir cela! Mais un oiseau de nuit, avec un cri affreux, passa entre nous, et le vent de ses ailes, m'effleurant les paupières, me les fit rouvrir. Je sentis qu'il voletait par la chambre.⁵⁴ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 702-703)

Ao contrário, a luz e o sol farão com que o protagonista encontre a tranquilidade, a razão:

J'eus un mouvement nerveux en entendant ces allumettes bruire sous mes doigts dans le fer du chandelier. *Je rallumai la bougie. Instantanément, je me sentis mieux; la lumière, cette vibration divine, diversifie les milieux funèbres et console les mauvaises terreurs.*⁵⁵ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 703. Grifo nosso)

Ou ainda:

Quand je me réveillai, *un bon soleil jouait dans la chambre.* C'était une matinée heureuse. Ma montre, accrochée au chevet du lit, marquait dix heures. Or, pour nous reconforter, *est-il rien de tel que le jour, le radieux soleil?* Surtout quand on sent les dehors embaumés et la campagne pleine d'un vent frais dans les arbres, les fourrés épineux, les fossés couverts de fleurs et tout humides d'aurore!
Je m'habillai à la hâte, très oublieux du sombre commencement de ma nuitée.⁵⁶ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 703-704. Grifo nosso)

Após a análise de alguns elementos da escritura fantástica de Villiers de l'Isle-Adam, podemos eleger, em “L'Intersigne”, como tema maior, a morte, ilustrada por diversos motivos: o fantasma, os intersignos, as aves noturnas, a noite – todos prenúncios da morte. Como bem nos lembra Vax (1965), na narrativa fantástica, temas diversos nascem de um motivo comum e, da mesma maneira, inversamente, um tema único se expande em motivos diversos.

Os intersignos, prenúncios de morte, conferem, de fato, o sentido do conto que é dado pela angústia da incerteza e pela questão que Villiers parece querer lançar aos homens: o mundo real e o além podem se entrelaçar. Os sinais como os que vimos no conto parecem atestá-lo.

THE FANTASTIC DISCOURSE OF VILLIERS DE L'ISLE-ADAM: L'INTERSIGNE

ABSTRACT

The purpose of this study is to present an analysis on the symbolic discourse of “L’Intersigne” by Villiers de l’Isle-Adam. Many critics consider Villiers one of the precursors of the Symbolic Movement in France and one of the first major authors of the fantastic short story during the second half of nineteenth century. The author uses a concentrated discourse where every word is carefully and specifically chosen to present the author’s existential anxiety and his longings to a creative literary production.

KEY WORDS: Villiers de L’Isle-Adam, symbolism, L’Intersigne, fantastic short story, idealism.

NOTAS

1. “Naquele momento, soou meia-noite Mas a igreja estava ao lado do presbítero, de modo que *eu tremia a cada golpe*. Aquele bordão ensurdecedor parecia soar no meu próprio quarto. E aquilo invadia minha alma!”
2. “Naquele momento, as horas soaram, lá fora, na igreja, no vento da noite.”
3. “Eu descí, e, encontrando-me *com uma alegria inabitual, cantarolava*, na escada, a ária da Monalisa.”
4. “Eu descí.”
5. “Este padre era um homem de cinqüenta e cinco anos, aproximadamente [...]”.
6. “Este padre era um homem de quarenta e cinco anos, aproximadamente [...]”.
7. “[...] Era um agonizante que se mantinha em pé, ao lado da cama?... *Eu falei da saúde vigorosa que o abade Maucombe, a mim, parecera gozar*. – Ah! Eu compreendia, agora, seu exterior e sua jovialidade ‘convulsivos’!... Os olhos, disse, brilhavam de inteligência. *Mas a febre lá brilhava também*, como os vermelhos raios do pôr do sol nos vidros assustadores daquele presbítero! *Aquela magreza, que eu tomava como seca e robusta, era a consumpção, as covas, as ruínas, sintomas de alguma profunda doença*. E vi que *o velho padre estava doente* e que se continha. Nada percebeu. Seu olhar inquieto percorria o quarto. Ele não me via! Não podia me ver examiná-lo atentamente. Depois, ele me desejou, uma segunda vez, boa noite e retirou-se.”

8. “Era um agonizante que se mantinha em pé, ali, perto da cama? [...] *O rosto que eu contemplava era grave, muito pálido, uma palidez de morte, e as pálpebras estavam abaixadas.* Ele esquecera minha presença? Rezava? Por que se mantinha assim? – Sua pessoa revestira-se de uma solenidade tão repentina que eu fechei os olhos. Quando os reabri, um segundo após, o bom abade continuava lá – mas eu o reconhecia agora! – Ainda bem! Seu sorriso amigável dissipava em mim qualquer inquietude. A impressão não durara o tempo de formular uma questão. Fora um espanto, um tipo de alucinação. Maucombe me desejou, uma segunda vez, boa noite, e retirou-se.”
9. “Ao menos, permita-me, tão logo terminada a regularização... – Eu?..., exclamei, meu caro abade, eu vos deixo meu fuzil.”
10. “– Ao menos, permita-me, tão logo isso acabe... *O grande negócio é a salvação, esperava fazer algo pela sua* – e eis que você me escapa! Pensava que o bom Deus o tinha enviado... – Meu caro abade, exclamei, deixo-vos meu fuzil.”
11. “Ele me estendeu a carta na qual a morte do santo padre nos era, de fato, anunciada – e onde eu li estas simples linhas: ‘Ele estava muito feliz, dizia em suas últimas palavras –, por ser envolvido no seu último suspiro e enterrado no manto que trouxera de sua peregrinação na Terra Santa, e que tocara o túmulo’.”
12. “[...] a conversa recaiu sobre um assunto dos mais sombrios: tratava-se da natureza dessas coincidências extraordinárias, estupeficientes, misteriosas, que ocorrem na existência de algumas pessoas”.
13. Este grifo é do autor.
14. “Era mesmo a casa que eu vira havia pouco? Que ancianidade me denunciavam, agora, os longos lagartos, entre as folhas pálidas? – Aquela construção tinha um ar estranho; os vidros, iluminados pelos raios de agonia da noite, queimavam em um clarão intenso; o portal hospitaleiro convidava-me com seus três degraus; mas, concentrando minha atenção *naquelas pedras cinzas*, vi que elas acabavam de ser polidas, que traços de letras escavadas lá permaneciam ainda, e *vi que elas provinham do cemitério vizinho*, cujas *cruzes negras* me apareciam, naquele momento, ao lado, a uma centena de passos. E a casa me parecia mudada a dar arrepios, e os *ecos do lúgubre golpe da aldrava*, que deixei cair, em meu sobressalto, retumbaram, no interior daquela moradia, como *vibrações de um toque fúnebre.*”

15. Estes grifos são do autor.
16. “Nós lá entramos, ele olhou se nada me faltava e como, próximos, nos demos a mão e boa noite, um vivaz reflexo de minha vela caiu sobre seu rosto. – Tremi, naquele momento! *Era um agonizante que se mantinha em pé*, ali, perto da cama? A figura que estava diante de mim não era, não podia ser aquela do jantar! Ou, pelo menos, se a reconhecia vagamente, parecia-me que não a vira, na realidade, senão naquele momento. Uma única reflexão me fará compreender: *o abade me dava, humanamente, a segunda sensação que, por uma obscura correspondência, sua casa me fizera sentir.*”
17. “Havia alguém atrás da porta: tinham realmente batido. [...] – ‘Quem está aí?’ perguntei, em voz baixa. O clarão se apagou: – eu ia me aproximar... Mas a porta se abriu, amplamente, lentamente, silenciosamente.
Na minha frente, no corredor, se mantinha, em pé, uma forma alta e negra, – um padre, o tricórnio na cabeça. A lua o iluminava totalmente, exceto pelo rosto: eu não via senão o fogo de suas duas pupilas que me observavam com uma solene fixidez.
O sopro do outro mundo envolvia aquele visitante, sua atitude me oprimia a alma. Paralisado por um terror que se inflou instantaneamente até o paroxismo, contemplei *a desoladora personagem*, em silêncio.
De repente, *o padre levantou o braço, com lentidão, na minha direção*. Ele me apresentava uma coisa pesada e vaga. Era um manto. Um grande manto negro, um manto de viagem. Ele mo estendia, como que para me oferecer!... Fechei os olhos, para não ver aquilo. Oh! Eu não queria ver aquilo! Mas *um pássaro da noite, com um grito assustador*, passou entre nós, e o vento de suas asas, roçando-me as pálpebras, fez com que as reabrisse. Eu senti que ele voava pelo quarto.
Então, – e com um estertor de angústia, pois as forças me traíam para que pudesse gritar, – empurrei a porta com minhas duas mãos crispadas e estendidas e dei uma violenta volta na chave, frenético e os cabelos arrepiados! Coisa singular, pareceu-me que tudo aquilo não fazia qualquer barulho.”
18. “ Eis uma história, nos disse ele, que não acompanharei de qualquer comentário. Ela é verídica. Talvez a achem impressionante.”
19. Cheguei diretamente em minha casa, por volta das nove horas. Subi. Encontrei meu pai na sala. Ele estava sentado, junto ao velador, iluminado por uma lâmpada. Ele segurava uma carta aberta na mão. Depois de algumas

palavras: “Você não sabe, estou certo, que notícia me traz esta carta!” Disse-me: “nosso bom e velho abade Maucombe morreu desde sua partida.”

20. “Mas, mal lançara, novamente, sobre ela, um olhar distraído, e fui obrigado a parar ainda, perguntando-me, desta vez, *se não era vítima de uma alucinação.*”
21. “Era mais do que o organismo podia suportar. Despertei-me. Estava sentado, em minha cama, os braços estendidos para a frente; estava gelado; a fronte molhada de suor, meu coração batia contra as paredes de meu peito, em grandes golpes sombrios.
Ah! Disse a mim mesmo, *o sonho horrível!*”
22. “Uma noite de inverno quando, entre pessoas racionais, tomávamos chá, ao redor de um bom fogo, na casa de um de nossos amigos, o barão Xavier de la V*** [...]”
23. “Eis uma história, disse-nos, à qual não anexarei qualquer comentário. Ela é verídica. Talvez achem impressionante”.
24. “[...] um pálido jovem que, tantas longas fadigas militares, sofridas, muito jovem ainda, na África, tornaram de uma debilidade de temperamento e de uma selvageria de modos pouco comuns”.
25. “Acendemos cigarros e escutamos a seguinte história [...]”.
26. “[...] uma personagem taciturna e morosa”; “[...] sob uma aparência nervosa”; “[...] em vão”; “[...] sob todas as fórmulas, quintais de ferro”; “[...] melancolia hereditária”.
27. “[...] na tentativa de afastar-se de Paris, de entrar em contato com a natureza, longe, entregar-se a vivos exercícios, a algumas salubres partidas de caça, por exemplo, para tentar diversificar”.
28. “*Eu estava nesse estado de lassidão, no qual os nervos sensibilizados vibram com as mínimas excitações.* Uma folha caiu perto de mim; seu murmúrio furtivo me fez tremer. *E o mágico horizonte daquela região entrou em meus olhos!* Sentei-me diante da porta, solitário.”
29. “*Ao perguntar sobre sua moradia às pessoas idosas que conduziam os animais, ao longo dos valados, tive que me convencer de que o cura – como perfeito confessor de um Deus de misericórdia – adquirira profundamente a afeição de suas ovelhas e, quando me indicaram o caminho do presbítero, bastante afastado do conjunto de casebres e cabanas que compõem o vilarejo de Saint-Maur, dirigi-me para aquele lado.*”

30. “[...] horríveis preocupações da capital”.
31. “Naquela noite então, uma vez em meu quarto, acendendo um charuto nas velas do espelho, percebi que estava mortalmente pálido! E afundi-me em uma ampla poltrona, velho móvel revestido de veludo grená onde o vô das horas, em meus longos devaneios, parece-me menos pesado. O acesso de melancolia tornava-se penoso, até o mal-estar, até a exaustão!”
32. “O aspecto campestre daquela casa, as janelas e venezianas verdes, os três degraus de grés, as heras, as clematites e as rosas-chá que se emaranhavam até o teto, de onde escapava, de um tubo de cata-vento, uma pequena nuvem de fumaça, inspiravam-me idéias de recolhimento, de saúde, de paz profunda. As árvores de um pomar vizinho mostravam, através de uma grade protetora, suas folhas enferrujadas pela enervante estação. As duas janelas do único andar brilhavam com fogos do ocidente, um nicho onde se mantinha a imagem de um bem-aventurado fora cavado entre elas. Coloquei o pé no chão, silenciosamente: preendi o cavalo no postigo e levantei a aldrava da porta, lançando um olhar de viajante ao horizonte, atrás de mim. Mas o horizonte brilhava tanto sobre as florestas de carvalhos distantes e de pinos selvagens, onde os últimos pássaros sobrevoavam na noite, as águas de uma lagoa coberta de caniços, ao longe, refletiam tão solenemente o céu, a natureza era tão bela, em meio àqueles ares acalmados, naquele campo deserto, momento sobre o qual recai o silêncio, que permaneci – sem largar a aldrava suspensa –, que permaneci mudo. Ó tu, pensava, que não tens sossego de teus sonhos, e para quem a terra de Canaã, com suas palmeiras e águas vivas, não aparece, no meio das auroras, depois de ter andado tanto sob duras estrelas, viajante tão feliz no início e agora sombrio –, coração feito para outros exílios que aqueles de que divides a amargura com irmãos maus –, olhe! Aqui pode-se sentar sobre a pedra da melancolia! Aqui os sonhos mortos ressuscitam, antecipando os momentos do túmulo! Se queres ter o verdadeiro desejo de morrer, aproxima-te: aqui a vista do céu exalta até o esquecimento.”
33. “O abade Maucombe estava na sala de jantar: sentado diante da mesa já colocada, ele lia um jornal enquanto me esperava.
Demo-nos a mão.
‘– Passou uma boa noite, meu caro Xavier?’ perguntou-me ele.
‘– Excelente!’ respondi distraidamente (por hábito e sem atribuir a menor atenção ao que dizia).

A verdade é que tinha um grande apetite: só isso. Nanon interveio, trazendo-nos o café da manhã.

Durante a refeição, nossa conversa foi ao mesmo tempo retraída e alegre: só o homem que vive santificadamente conhece a alegria e sabe comunicá-la.

De repente, lembrei-me do sonho.

‘– *A propósito*’, disse, ‘*meu caro abade, ocorreu-me que tive essa noite um singular sonho, e de uma estranheza... como posso exprimir isso? Vejamos... Surpreendente? Emocionante? Aterrorizador?*’ ‘– *A vossa escolha! Julgai-o.*”

34. Este grifo é do autor.

35. “*Esses tipos de visões, sendo mais morais que físicos, apagam-se com rapidez. Sim, eu era, e não se pode duvidar nem mesmo um segundo, vítima desse abatimento intelectual que assinaei.* Apressado em ver um rosto que me ajudasse, por sua humanidade, a dissipar a lembrança, empurrei a aldrava sem esperar mais. – Entrei.”

36. Este grifo é do autor.

37. “Os pés sobre as grades da lareira, e recostados em nossas duas poltronas de couro encerado, falávamos naturalmente de Deus.

Eu estava cansado: escutava, sem responder.

‘– Para concluir’, disse-me Maucombe levantando-se, ‘nós estamos aqui para testemunhar –, por nossas obras, nossos pensamentos, nossas palavras e nossa luta contra a natureza, – para testemunhar se valemos o peso.’”

E terminou com uma citação de Joseph Maistre: ‘Entre o homem e Deus, não há senão o orgulho.’

‘– *Apesar disso*’, disse-lhe, ‘*nós temos a honra de existir (nós, crianças mimadas dessa natureza) em um Século de Luzes?*’

‘– Prefiramos antes a Luz dos séculos’, respondeu sorrindo.”

38. “– Meu caro abade’, disse, ‘eu lhe deixo meu fuzil. Antes de três semanas estarei de retorno e, desta vez, por algumas semanas, se o senhor quiser.’

‘– Vá então em paz!’ disse o abade Maucambe.

‘– Bem! É que se trata de quase toda minha fortuna!’ murmurei.

‘– A fortuna é Deus!’ disse simplesmente Maucombe.”

39. “‘Eis’, disse, ‘uma viva contrariedade, meu anfitrião: mal cheguei e vejo-me obrigado a partir.’”

‘– Como?’ perguntou o abade Maucombe, repousando sua xícara sem beber.

‘– Escreveram-me para voltar com toda pressa, questões de um negócio, de

um processo da mais grave importância. Esperava que fosse julgado apenas em dezembro: ora, dizem-me que será julgado em quinze dias e como só eu estou em condições de organizar as últimas peças que devem-nos dar ganho de causa, é preciso que eu vá!... Oh! Que aborrecimento!...' – De fato, é desagradável!', diz o abade; – Como é desagradável!...Ao menos, prometa-me que tão logo terminado... *O grande negócio é a salvação: eu esperava poder ser útil para a sua – e eis que você escapa! Já pensava que o bom Deus o enviara...*

[...] – E amanhã, como viveria, se...'

'– Amanhã não se vive mais', respondeu."

40. "Eu o acompanharei um pouco", disse o padre: *'este passeio ser-me-á salutar.'*"
41. *"E, eis que, vinda do fundo do horizonte, do fundo daqueles bosques proibidos, uma revoada de águias, com grande rumor de asas, passou, gritando horríveis sílabas desconhecidas, acima de minha cabeça. Foram abater-se sobre o telhado do presbítero e do campanário, distantes: e o vento trouxe-me gritos tristes. Penso que tive medo. Por quê? Quem me dirá jamais? Vi o fogo, toquei, com a minha, várias espadas; meus nervos são mais fortes, talvez, que os dos fleumáticos e dos pálidos: afirmo, todavia, muito humildemente, que eu tive medo, aqui – e realmente. Até concebi, para mim, alguma estima intelectual. Não tem medo dessas coisas quem quer."*
42. "Eu esperava dormir rápido e profundamente, depositara grandes esperanças em uma boa noite de sono. Mas, ao final de dez minutos, tive que me convencer que aquele incômodo nervoso não se decidia a deixar-se adormecer. *Ouvia tique-taques, breves estalos da madeira. Sem dúvida, relógios-de-morte.* A cada um desses barulhos imperceptíveis da noite respondia, em todo meu ser, um choque elétrico."
43. "Maucombe me desejou, uma segunda vez, boa noite e se retirou. *Uma vez sozinho: 'Um sono profundo, é o de que eu preciso'*, pensei. Imediatamente, pensei na Morte; elevei minha alma a Deus e fui para a cama."
44. "Mal me veio esta idéia, no mesmo instante em que decidi por esta linha de conduta, o nome de um velho amigo, esquecido havia anos, o abade Maucombe, passou-me pelo espírito."
45. "Minha primeira impressão, ao mesmo tempo que a do frio nos pés, foi a de uma viva luz. A lua cheia brilhava, na frente da janela, acima da igreja, e,

através das cortinas brancas, recortava seu ângulo de chama deserta e pálida sobre o assoalho.

Era exatamente meia-noite.

Minhas idéias estavam mórbidas. O que era então? A sombra era extraordinária.

46. “Sim, morto – anteontem, por volta de meia-noite –, três dias depois de tua partida de seu presbítero – de um resfriado apanhado na grande estrada.”
47. “[...]uma noite de inverno”, “em 1876, no solstício do outono”.
48. “E, se eu quisesse gozar, *antes do primeiro frio, a última quinzena do feérico mês de outubro* nos rochedos avermelhados, se ainda quisesse ver resplandecer *as longas noites de outono* sobre as alturas arborizadas, devia apressar-me!”
49. Este grifo é do autor.
50. “Todavia, minha insuperável ansiedade persistia. Foi necessário mais de um minuto antes de ousar mexer o braço para procurar fósforos: temia sentir, *na obscuridade*, uma mão fria tomar a minha e apertá-la amigavelmente.”
51. “Três minutos depois, o abade e eu deixávamos o presbítero e avançávamos na grande estrada. Eu segurava meu cavalo pela rédea, como se deve. *Éramos já duas sombras.*
Cinco minutos após nossa partida, uma garoa penetrante, uma pequena chuva, fina e muito fria, trazida por um terrível golpe de vento, batia em nossas mãos e rostos.”
52. “O rosto que eu contemplava estava grave, muito pálido, de uma palidez de morte, e as pálpebras estavam abaixadas.”
53. “O sopro do outro mundo envolvia aquele visitante, sua atitude me oprimia a alma. Paralisado por um terror que cresceu até o paroxismo, eu contemplei a desoladora personagem, em silêncio.”
54. “Fechei os olhos para não ver aquilo. Oh! Eu não queria ver aquilo! Mas um pássaro da noite, com um grito aterrorizante, passou entre nós, e o vento de suas asas, ao tocar-me as pálpebras, me fez reabri-las. Senti que ele voava pelo quarto.”
55. “Fiz um movimento nervoso ao ouvir os fósforos queimando sob meus dedos no ferro do candelabro. *Acendi novamente a vela.*
Instantaneamente, me senti melhor, a luz, esta vibração divina, diversifica os ambientes fúnebres e consola os maus temores.”

56. “Quando acordei, *um belo sol brincava no quarto.*

Era uma feliz manhã. Meu relógio, preso na cabeceira da cama, marcava dez horas. Ora, para nos reconfortar, *há algo melhor que o dia, que o radioso sol?* Sobretudo quando se sente o exterior perfumado e o campo cheio de um vento fresco nas árvores, as matas frondosas, os vales cobertos de flores e todos úmidos de aurora!

Vesti-me apressado, totalmente esquecido do sombrio começo de minha noite.”

REFERÊNCIAS

BARÃO, Fernanda. In: VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, Auguste, conde de. *Contos cruéis*. Tradução e notas. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1971. (Livro B, 8).

CASTEX, Pierre-Georges. *Le conte fantastique en France de Nodier à Maupassant*. Paris: J. Corti, 1962.

CITRON, Pierre. Introduction, notices et notes. In: VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, Auguste conde de. *Contes cruels*. Paris: Garnier-Flammarion, 1980.

CORTAZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto. In: _____. *Valise de Cronópio*. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 147-163.

GRÜNEWALD, Ecila de Azeredo. Villiers, entre o sonho e o escárnio. In: VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, Auguste, conde de. *A Eva futura*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 11-40.

MICHAUD, Guy. *Message poétique du symbolisme*. Paris: Nizet, 1966.

MOUGIN, Pascal. In: MAUPASSANT, Guy. *Le horla et autres contes*. Analyse et notes. Paris: Éditions Nathan, 1994. p. 95-110. (Balises, 89).

PAES, José Paulo. In: _____. *Os buracos da máscara: antologia de contos fantásticos*. Seleção, tradução e introdução. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 7-17.

REBOUL, Pierre. In: VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, Auguste, conde de. *Contes cruels*. Préface, notes et notices. Paris: Éditions Gallimard, 1983.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

TRITTER, Valérie. *Le fantastique*. Paris: Ellipses Édition, 2001. (Thèmes et études).



VAX, Louis. *La séduction de l'étrange*. Paris: PUF, 1965.

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, Auguste, conte de. *Œuvres Complètes*. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Éditions Gallimard, 1986. (Tomes I).

VOISIN-FOUGÈRE, Marie-Ange. *Villiers de l'Isle-Adam – Contes cruels*. Paris: Éditions Gallimard, 1996. (Foliothèque, 54).